

# PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO JUNTOS: GRUPO DE PESQUISA EM PROCESSO DE CRIAÇÃO

KNOWLEDGE PRODUCTION TOGETHER: A RESEARCH GROUP IN THE CREATION PROCESS

**Cecilia Almeida Salles**

PUC-SP

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão sobre o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP com foco em um novo aprendizado sobre como produzir juntos, provocado, especialmente, com as imposições de um prolongado isolamento no período da pandemia de Covid19. Para tanto, foi realizada uma contextualização histórica do grupo, cujo percurso é marcado por alguns momentos definidores de ampliação de rumos e expansão dos estudos nessa área. O resultado revela a relevância da trajetória do grupo em tomar o processo de criação como grande propósito, sustentado por uma teoria crítica.

**Palavras-chave:** Processo de criação; grupo de pesquisa; Covid19.

**Abstract:** *The purpose of this article is to reflect on the Creation Processes Research Group at PUC-SP, with a focus on a new approach to learning how to produce together, particularly as a result of the impositions of prolonged isolation during the Covid-19 pandemic. In order to do this, a historical contextualization of the group was carried out, marked by some defining moments in the broadening of directions and expansion of studies in this area. The result reveals the importance of the group's trajectory in taking the process of creation as a major purpose, supported by a critical theory.*

**Keywords:** *Creative process; research group; Covid-19.*

No contexto da pergunta que move o Poéticas de 2022 – O que se constrói nesse saber viver juntos? –, proponho uma reflexão teórica e metodológica sobre o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, com foco em um novo aprendizado sobre como produzir juntos, provocado, especialmente, com as imposições de um prolongado isolamento no período da pandemia de Covid19. Para tanto, será necessário fazer uma contextualização histórica do grupo, cujo percurso é marcado por alguns momentos definidores de ampliação de rumos e expansão dos estudos nessa área.

A partir de minha pesquisa sobre o processo de criação do livro *Não Verás País Nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, defendida em 1990, foi criado em 1993 o Grupo de Estudos em Crítica Genética, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), reunindo orientandos que tinham interesse em discutir arquivos para além da literatura, argumentando, também, linguagens como a dança, as artes visuais, a arquitetura e o jornalismo.

A trajetória do desenvolvimento dos estudos sobre processo de criação, a crítica genética, bem como o desenvolvimento pelos franceses no Institut des Textes et Manuscrits Modernes do CNRS/Paris e levada por Philippe Willemart para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCHA) da Universidade de São Paulo, é marcada por pesquisas em literatura, em especial a literatura francesa. O grupo da PUC-SP, desde seu início, ampliou a materialidade dos arquivos de criação pesquisados. Destaco, no contexto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), casa do evento “Poéticas”, as pesquisas de doutorado de Aparecido José Cirilo em artes visuais, de Maria Regina Rodrigues na cerâmica, de Maria Gorete Dadalto Gonçalves na fotografia e, mais recentemente,

Ananda Carvalho sobre os processos de criação no âmbito da curadoria.

As pesquisas sobre processo de criação sempre mostraram uma forte tendência em direção aos estudos de caso. No entanto, a sala de aula, com interesses interdisciplinares, exigia que não me detivesse nas especificidades de um autor ou artista, nem mesmo de uma manifestação artística. Começa, assim, a se delinear uma tendência no grupo de buscar aspectos gerais de processos de criação, com o objetivo de se aproximar das singularidades de nossos objetos de estudo. Como afirma Colapietro<sup>1</sup>, pensar é generalizar para lançar luzes sobre o específico.

Nesse contexto, o grupo vem avançando em direção a uma generalização sobre o processo de criação, levando a um mapeamento de princípios que norteiam uma possível teoria da criação, que sustenta o que venho chamando de crítica de processos criativos ou, simplesmente, crítica de processo. A teorização foi desenvolvida ao longo do tempo, alimentada pelas singularidades de minhas pesquisas e de meus orientandos. Trata-se de uma reflexão sobre processos de criação como Redes em construção<sup>2</sup>, estabelecendo relações entre a semiótica peirceana, o conceito de rede de Pierre Musso (2004) e de pensadores da cultura no âmbito da complexidade, como Edgar Morin (2011) e Lotman (1998).

À medida que uma possível teoria da criação é configurada, há uma inversão de perspectiva: os estudos sobre as histórias de obras

1 Palestra no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 2014.

2 Ver Salles, C. A. Processo de criação como práticas geradas por complexas redes em construção. *Scriptorium*. v. 7, n. 1, 2021, p. 1-12. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/42169>. Acesso em: 14 set. 2022.

específicas, característico da crítica genética, passaram a estar a serviço de algo mais amplo, que é a sistematização teórica sobre a criação. A teorização passou a ser mais geral do que a metodologia, focada em estudos de caso, o que passou a conviver com outros procedimentos metodológicos, como veremos. Tal reflexão teórica possibilitou, também, discutir outros objetos e questões processuais que extravasam os limites das histórias das obras, dialogando com a experimentação contemporânea.

Esse diálogo constante com a produção contemporânea é outra especificidade dos estudos do grupo, enfrentando desafios críticos diante de uma grande diversidade de questões, como, por exemplo, as diferentes relações entre obras e seus processos de criação, assim como uma complexa exploração dos arquivos de criação. Nesse contexto, é importante mencionar uma pesquisa em andamento sobre a produção compartilhada de fanfictions na plataforma Wattpad de Isabela C. Silva.

A partir das configurações teóricas elencadas, o grupo não cabia mais nas delimitações da crítica genética, mudando, no início dos anos 2000, sua nomenclatura para Grupo de Pesquisa em Processos de Criação.

Com o objetivo de discutir percursos aparentemente individuais, os livros *Gesto Inacabado* (2011) e *Redes da Criação* (2006), de minha autoria, apontavam para a maior complexidade dos processos em grupo: como o teatro, a dança e a música. Sem entrar em uma reflexão mais aprofundada. Fui, ao longo do tempo, levada por minhas pesquisas e de orientandos, a entrar nas especificidades de tais percursos de produção.

Imersa em meu projeto de Pós-doutorado, intitulado *Complexidade dos processos de criação em grupo* e desenvolvido, junto ao Programa Departamento de Cinema, Rádio e

Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP (2016), com supervisão de Arlindo Machado, passo a refletir sobre uma questão inicial bastante relevante: A dificuldade de se falar em processos totalmente individuais. Entro nessa discussão enfrentando a dicotomia do processo individual ou coletivo no âmbito da complexidade, a partir da perspectiva da criação como rede, em diálogo com o conceito de sujeito semiótico, apresentado por Colapietro (2014). Para o autor, o sujeito não é uma esfera privada, mas um agente comunicativo. É distinguível, porém, não separável de outros, pois sua identidade é constituída pelas relações com os outros; não é só um possível membro de uma comunidade, mas a pessoa como sujeito, que tem a própria forma de uma comunidade. Sujeito no contexto de uma grande diversidade de interações. Nesse ambiente teórico, não podemos falar em processos em grupo em oposição a processos individuais<sup>3</sup>, colocando em crise tal dicotomia e a visão do artista isolado.

No livro *Redes da Criação* (2006), acompanhei diversos artistas, profundamente implicados em seus processos criativos, interagindo com intensas turbulências culturais. Os diálogos com a cultura, as trocas entre sujeitos e os intercâmbios de ideias nos colocam diante de um amplo campo de interação. Observa-se, em muitos momentos, que, quando nos aproximamos de algum tipo de determinação, encontra-se dispersão. Ou seja, quando alguns pontos de referência geográficos, históricos, culturais, entre outros, são encontrados, nos deparamos com novas ramificações das redes e enfrenta-se mais indeterminação.

Ao pesquisar as equipes em sua diversidade

---

3 Ver Salles, C.A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

de manifestações, percebi o quanto estávamos, como grupo, implicados nessas discussões. Em outras palavras, estávamos instrumentalizados teórica e metodologicamente para refletir sobre o nosso próprio fazer como grupo de pesquisadores, com o propósito comum de discutir processos de criação, de maneira ampla.

Sob o ponto de vista metodológico, já tínhamos desenvolvido estudos a partir do acompanhamento de processos de grupos de dança e teatro; ao mesmo tempo, alguns membros do grupo discutiam processos dos quais eles mesmos faziam parte. Para citar um exemplo, temos a tese de Kênia Dias (2020), que estudou processos do grupo Aisthesis e do Teatro Galpão, dos quais ela era um dos membros.

Minha pesquisa sobre equipes dialogou também com o livro *A emoção e a regra* (2007), escrito por De Masi e um grupo de pesquisadores, que oferece uma visão histórica, sob a perspectiva da sociologia do trabalho, sobre os grupos criativos europeus de 1850 a 1950.

Não posso deixar de destacar, também, a relevância, para esse estudo, da publicação *De onde vêm as boas ideias* (2011), de Steven Johnson. O autor parte da análise de uma grande diversidade de processos criativos, em diferentes campos, com o objetivo de compreender os modos como novas ideias são formuladas, e examina “[...] propriedades e padrões compartilhados que ocorrem reiteradamente em ambientes de excepcional fertilidade” (JOHNSON, 2011, p. 20). Suas fontes de pesquisa têm estreita relação com aquelas com as quais a crítica de processo lida. Para citar alguns exemplos, temos as constantes referências aos diários de Charles Darwin em suas viagens e a menção a filmagens de

pesquisadores de um laboratório, aspecto esse que será retomado adiante.

Destaco uma das conclusões a que cheguei como característica recorrente das equipes por eles estudadas, que tem relação estreita com a natureza interdisciplinar do nosso grupo. Ao discutir o Grupo da Rua Panisperna, laboratório de física, De Masi, dá destaque à opção pelo trabalho dos pesquisadores em regime de cooperação. “Até então a maior parte do trabalho era feita por cientistas que trabalhavam sozinhos, ou no máximo com uma ou duas pessoas” (DE MAIS, 2007, p. 293).

“De uma constelação de diversos estudiosos, passou-se a uma equipe única que redigia e assinava os artigos coletivamente, após tê-los enviado, em forma de provas de impressão, para uma quarentena de físicos de todo o mundo” (DE MASI, 2007, p. 299), em uma ampla rede de interações. É mencionado, também, que cada equipe tinha um líder orquestrador do trabalho.

Por fim, é destacada outra característica que dialoga com a formação do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação, e que aparece em muitos outros: o potencial das interações interdisciplinares. “Cada uma das especializações era colocada à disposição do conjunto de grupos, e cada membro, embora conservando a própria especificidade, adquiria aos poucos, a capacidade de interagir cientificamente com todos os outros.” (DE MASI, 2007, p. 293).

Nesse contexto, o grupo continua em processo de ampliação. Na medida que passei a lecionar no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, o que nos levou também a aproximações com estudos de processos de tradução (Karen Lemes). Gerando, assim, reflexão sobre as possíveis interações com as pesquisas em educação nos seus níveis diversos, forma e não formal, nas diferentes

instituições culturais (Ana Barbara dos Santos e Flávia Paiva). Nesse contexto, lembro que, no Novo Ensino Médio, um dos Eixos Estruturantes dos Itinerários Formativos é Processos Criativos.

Não posso deixar de destacar, ainda, a expansão do grupo, refletida em um grande número de grupos de pesquisa que se formou fora do âmbito da PUC-SP, envolvendo egressos espalhados pelo Brasil como, só para citar uns exemplos, na UFES (Aparecido José Cirillo e Ananda Carvalho), UFBA (Sílvia Anastácio), UFC (Claudia Teixeira Marinho) e outros.

Deste modo, no contexto histórico das pesquisas desenvolvidas em grupo, destaco o longo processo de reflexão teórica que antecedeu a construção do novo site do grupo. Tínhamos um grupo menor, no WhatsApp, dedicado a tal empreitada, pois sabemos que, para algumas decisões, precisávamos de um olhar mais especializado, que depois levávamos para as reuniões gerais do grupo. O resultado, materializado por Vinicius Gonçalves, com o apoio de extrema relevância de Creso Pessurno, pode ser visto no endereço eletrônico: <https://processosdecriacao.com.br>.

Outro aspecto relevante para se refletir sobre o processo de nosso grupo é o papel das interações entre os membros. Ao longo do tempo, em nossa mesa de reuniões pré-pandemia, concretizando as redes líquidas discutidas por Steven Johnson (2011). Trata-se de uma das propriedades compartilhadas pelos ambientes por ele estudados. O autor relata descobertas sobre o modo de trabalho em um laboratório em biologia molecular, partindo da pesquisa que Kevin Dunbar (psicólogo da McGill University/EUA), a partir de registros audiovisuais, mencionados anteriormente. Foi observado que a maioria das ideias importantes vinha à tona durante reuniões regulares, nas quais vários pesquisadores se encontravam e,

de maneira informal, apresentavam e discutiam seus trabalhos mais recentes.

Ao observar o mapa da formação de ideias criado por Dunbar, podia-se ver que o ponto de partida da inovação não eram os microscópios, mas a mesa de reunião. O fluxo social da conversa em grupo transforma esse estado sólido privado numa rede líquida.

Conviver em ambiente de interações propicia a explicitação de problemas. Os resultados do raciocínio de uma pessoa podem tornar-se o input para o raciocínio de outra, levando a descobertas importantes. A rede líquida impede que ideias fiquem emperradas em preconceitos. É dado destaque à interatividade, que envolve a interdisciplinaridade e leva à saída dos limites dos campos e olhares especializados, expandindo os modos de percepção. Para o autor, as interações entre os membros do grupo conduzem também ao enfrentamento da incerteza. As perguntas feitas por colegas forçam o repensar sobre o que está sendo feito e abrem espaço para a dúvida.

Em nosso contexto, foi interessante destacar que, durante a pandemia, ou seja, quando as reuniões passaram a acontecer na plataforma online Teams, houve uma mudança radical na natureza das interações: uma marcante diminuição, assim como nas aulas no ambiente remoto, como a grande maioria de professores constatou.

Até conflitos foram observados. Morin (2010), em seu livro *Ciência com consciência*, nos afasta da utopia da necessidade de evitar ou eliminar os embates. O autor discute os campos de conflitos no contexto acadêmico. Ele afirma que muito do que acontece nas universidades é mais geral do que se quer acreditar:

Como sabemos, o grande problema de toda organização viva – e, sobretudo, da sociedade humana – é que ela funciona com

muita desordem, muitas aleatoriedades e muitos conflitos. E, como diz Montesquieu, referindo-se a Roma, os conflitos, as desordens e as lutas que marcaram sua história não foram apenas a causa de sua decadência, mas também de sua grandeza e de sua existência. Quero dizer que o conflito, a desordem e o jogo [...] não são resíduos a reabsorver, mas constituintes-chaves de toda existência social. (MORIN, 2010, p. 111).

Talvez, para usar o termo de Steven Johnson, as relações tinham menor fluidez na mesa virtual. No entanto, aconteceu algo relevante nesse novo processo de construção de saber viver e produzir conhecimento juntos: a potencialização das interações no WhatsApp do grupo, que passo a relatar.

A edição 44<sup>a</sup> da revista *Manuscrita* estava em mãos alguns membros do grupo (Wagner Miranda, Camila Manguiera e Paula Martinelli), que propuseram a questão dos arquivos imateriais como tema. Nesses mesmos dias, Patrícia Dourado postou, no WhatsApp do grupo, um vídeo do Instagram do artista Carlos Vergara (1941-), queimando uma de suas telas. Gerou imediatamente um grande número de comentários. Eram interações relativas à postagem do artista em diálogo com os nossos interesses de pesquisa. Fui observando que, nessas trocas de forma intensa, estava surgindo uma reflexão teórica bastante consistente, a partir das diferentes perceptivas dos pesquisadores.

E a associação foi feita: diante da proposta de discutir arquivos imateriais, em especial, os desafios da criação no contexto digital, o queimar e postar de Vergara nos colocava uma questão de extrema relevância para as reflexões sobre os processos de criação do grupo. Nesse sentido, a experimentação artística na interação com as mídias sociais, no contexto da pandemia (mas não só) tem colocado o arquivo

contemporâneo em estado de permanente instabilidade.

Foi nesse contexto que propus ao grupo fazer um artigo coletivamente. Algo novo surgiu. E foi publicado, na revista *Manuscrita*, “Queimar e postar: materializar arquivos imateriais, um artigo com autoria do grupo”, com a seguinte nota: o artigo foi escrito pelos investigadores Cecilia Salles, Júlia Meireles, Mariana Carlin, Paola Pinheiro, Patrícia Dourado, Samir Cheida e Vinicius Gonçalves, do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação<sup>4</sup>.

### **Algumas considerações teóricas no contexto do conceito de redes da criação**

O propósito que nos move (de modo passional) é a constante expansão de nosso conhecimento sobre processos de criação. Em termos peirceanos, é essa tendência como desejo operativo, levando à ação de pesquisa em permanente estado de eferescência, como Morin (1998) descreve: onde há intensidade e multiplicidade de trocas e confrontos entre opiniões, ideias e concepções. As inovações do pensamento, segundo o autor, só podem ser introduzidas por esse calor cultural, já que a existência de uma vida cultural e intelectual dialógica, na qual convive uma grande pluralidade de pontos de vista, possibilita o intercâmbio de ideias, que produz enfraquecimento dos dogmatismos e normalizações e o conseqüente crescimento do pensamento. A dialógica cultural favorece o calor cultural que, por sua vez, a propicia. Há uma relação recíproca de causa e efeito entre o enfraquecimento do imprinting (normalizações). A atividade dialógica eferescente atua nas brechas, ou seja, nas tentativas de expressão

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/189012/177607>. Acesso em: 14 set. 2022.

de desvios proporcionados e, ao mesmo tempo, responsáveis por esse clima em ebulção; desvios esses que são os modos de evolução inovadora.

Esse ambiente de intensas interações, trocas e diálogos caracteriza nosso modo de ação acadêmica no âmbito dos estudos sobre processo de criação, sendo, muitas vezes, reconhecido como inovador, em termos de Morin (1998).

Nesta proposta de refletir sobre o grupo, devo dar destaque à interdisciplinaridade, já mencionada no contexto teórico-metodológica, viabilizando um olhar para a criação de modo transversal e, assim, lançar luzes sobre as especificidades das diversidades de áreas, nas quais os membros do grupo atuam. Nesse contexto, surge uma nova proposta crítica desenvolvida em diálogo com a experimentação contemporânea, ampliando o olhar do pesquisador interessado em processos de criação para além dos arquivos pessoais, em diferentes mídias e/ou plataformas.

No contexto das reverberações desse modo de ação do grupo, termino com algumas importantes consequências acadêmicas da bolsa sanduíche de Patrícia Dourado, junto ao Centro de Investigação de Arte e Comunicação da Universidade do Algarve. Recentemente, foi firmado um convênio com esse Centro de Investigação e a PUC-SP, mais especificamente, com o nosso grupo. Esse intercâmbio internacional já gerou a Coleção Processos de Criação, com publicações de pesquisas do grupo no âmbito da arte brasileira contemporânea<sup>5</sup>. Ao mesmo tempo, um mestrado em Processos de Criação, com professores das duas Universidades e dos dois

grupos, acaba de ser aprovado e começa a funcionar a partir de setembro de 2022.

Acredito que fica, assim, patente a importância de nossa especificidade como grupo, construída ao longo da história que acabo de relatar: tomar processo de criação como grande propósito, sustentado por uma teoria crítica.

## Referências

COLAPIETRO, Vincent. *Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana*. São Paulo: Intermeios, 2014.

DIAS, K. e S. *Obras em processo nas artes cênicas: estudos dos diários de montagem da peça Nós do Grupo Galpão/MG e Prática Aisthesis/DF*. 2020. 204f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2020.

DE MASI, D. (org.) *A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950*. 9. ed. Trad. Elia Ferreira Edel. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

JOHNSON, Steven. *De onde vêm as boas ideias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera I: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias. Habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulinas, 1998.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUSSO, Pierre. *A filosofia da rede*. In: PARENTE, A. (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SALLES, Cecilia A. *Redes de criação: construção da obra de arte*. 2. ed. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2008.

SALLES, Cecilia A. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://processosdecriacao.ciac.pt/>. Acesso em: 14 set. 2022.

SALLES, Cecília A. *Processo de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SALLES, C. A. *Processo de criação como práticas geradas por complexas redes em construção*. *Scriptorium*. v. 7, n. 1, 2021, p. 1-12. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/42169>. Acesso em: 14 set. 2022.

SALLES, C.; MEIRELES J.; CARLIN M.; PINHEIRO P. et al. *Queimar e postar: arquivos imateriais*. Manuscrita – Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 44, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/189012>. Acesso em: 14 set. 2022.

**Cecilia Almeida Salles**

<https://orcid.org/0000-0003-3826-0142>

Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil) com Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas/PUCSP (1981); Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (1990): Criação em Processo- Ignácio de Loyola Brandão e Não Verás País Nenhum; e Pós-doutorado ECA/CTR (2016) Complexidade dos processos de criação em grupo. Especialista em estudos sobre processos de criação na comunicação e nas artes. Coordenadora do Grupo de Estudos em Processos de Criação.